

ECOLOGIA HUMANA: A FUNÇÃO DA NATUREZA NA PSICOLOGIA ANALÍTICA

Alisson José Oliveira Duarte¹

¹Psicólogo, Especialista em Psicanálise Clínica Mestre em Educação pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), Uberaba – MG.

RESUMO

Ao estudar a obra de Carl Gustav Jung, bem como seu percurso biográfico, é notável a qualquer pesquisador que a natureza representou inspiração no processo de constituição de sua cosmovisão científica e pessoal. Nesse sentido, buscou-se com esta pesquisa apontar a relevância da natureza para a formulação da psicologia analítica, resgatando nas obras completas do autor (34 volumes) citações em que foi utilizado o termo “natureza” para subsidiar conceitos de sua teoria. Os achados (136 parágrafos) apontam que o autor concebia o funcionamento psíquico equivalente ao funcionamento dos sistemas naturais.

Palavras Chave: C. G. Jung; Ecologia Humana; Natureza

ABSTRACT

While studying the work of Carl Gustav Jung, like this your biographical route, it is perceptible to any researcher that nature represented inspiration in the process of construction of your scientific and personal worldview. Therefore, it was searched through this show the relevance of nature to the formulation of the analytical psychology, rescuing in the completed works of author (34 volumes) the citations where it was used the term “nature” to subsidize concepts in your theory. The findings (136 paragraphs) show of the author conceived the psychic functioning equivalent to the functioning of natural systems.

Key Words: C.G Jung; Human Ecology; Nature

1. INTRODUÇÃO

O estudo da obra de Carl Gustav Jung nos permite observar as peculiaridades de um autor que utilizou em sua teoria inúmeras observações da natureza para fundamentar tendências profundas do psiquismo humano. Diversas passagens de seus escritos teóricos e biográficos denunciam o caráter “ecológico” de sua obra.

Jung mantinha profundo respeito e conexão com a natureza e falou intensamente em sua obra da necessidade do homem de se reencontrar com a originalidade primária de seu próprio ser. Para ele, “só aquilo que somos tem o poder de nos curar” (JUNG, 2011, v.7/2, p.57):

[...] a pura natureza está dentro de nós. E se conhecerdes a pura natureza, que é vosso verdadeiro ser, liberto de todo egoísmo perverso, então conhecereis a Deus; pois a divindade

está oculta dentro da pura natureza, tal como a noz no envoltório da casca (JUNG, 2011, v.16/2, p.184).

De acordo com o autor, “não devemos sugerir à natureza o que fazer, se quisermos observar seu comportamento espontâneo” (JUNG, 2011, v.7/2, p.10). Defendia a livre expressão do psiquismo e o rompimento com tudo aquilo que condiciona e aliena o comportamento natural. Em outra passagem afirma que “a vida natural é o solo em que se nutre à alma” (JUNG, 2011, v.8/2, p.363). E sobre o inconsciente, declarou: “o inconsciente é natureza que nunca se engana: só nós nos enganamos” (JUNG, 2011, v.5, p.85).

Por meio da natureza, Jung fundamentou o caráter individual e coletivo do psiquismo humano. Para ele, o homem em sua jornada de autoconhecimento se torna completo à medida que consegue manter o equilíbrio entre natureza coletiva e natureza individual, ou seja, “a singularidade de um indivíduo não deve ser compreendida como uma estranheza de sua substância ou de suas componentes, mas sim como uma combinação única” de seus elementos universais (JUNG, 2011, v.7/2, p.63-64).

É importante lembrar que a trajetória científica de Jung foi fortemente marcada pelo romantismo de Goethe e sua profunda contemplação pelo meio natural. Para Goethe, nenhum cientista poderia alcançar as verdades da natureza desintegrando-se dela, aplicando abstrações frias para compreendê-la ou registrando o mundo exterior de maneira mecanicista (TORNAS, 2000).

Para Pinheiro (1997), a psicologia deve participar das discussões e lançar propostas para a crise ambiental, pois não existem problemas ambientais e sim humano-ambientais. Se pensarmos que a palavra ecologia está intrinsecamente ligada à coexistência e às relações de diversos níveis entre os seres vivos, chegaremos à conclusão de que não se pode pensar em ecologia sem uma atitude relacional e interdisciplinar.

Diante dessa complexidade, esta pesquisa também se propõe a fomentar a busca por respostas sobre como a psicologia analítica pode contribuir para o entendimento e o aprofundamento da questão ecológica na interioridade do homem, promovendo sua reconexão com o meio e um profundo sentido de ética e integração com a vida.

Assim como identificamos processos ecológicos externos, podemos falar de uma ecologia da interioridade humana. A crise ambiental reflete o estado da psique do homem. Tudo que pertence à realidade externa ocupa em nós um lugar interno: o sol, a lua, a água, as plantas, os animais, tudo vive em nós, na forma de arquétipos que povoam nosso mundo intrapsíquico por meio de imagens, símbolos e valores. Jung descreve a ligação do homem e o meio ambiente da seguinte maneira:

Todos nós precisamos de alimento para a psique, é impossível encontrar esse alimento nas habitações urbanas, sem uma única mancha de verde ou árvore em flor; necessitamos de um relacionamento com a natureza; precisamos projetar-nos nas coisas que nos cercam; o meu eu não está confinado no corpo; estende-se a todas as coisas que fiz e a todas as coisas à minha volta, sem estas coisas não seria eu mesmo, não seria um ser humano. Tudo que me rodeia é parte de mim (MCGUIRE; HULL, 1997, p.189).

A cisão vivida hoje por nós pode ser atestada observando-se a maneira pela qual separamos o espaço interno do espaço externo. O mundo próprio é o que importa: corpo, casa e família. As ruas, as avenidas, rios, praias, animais e plantas são vivenciados como se não fossem da nossa alçada, como se ninguém fosse por eles responsáveis e como se não fosse extensão de nós mesmos.

De acordo com Jung (2011, v.8/2, p.321), “a melhor maneira de compreender o inconsciente é considerá-lo como um órgão natural dotado de uma energia criadora específica”. Diferente de Sigmund Freud, Jung não admitia o inconsciente apenas como um reservatório de conteúdos reprimidos pela moralidade social. Pelo contrário, ressaltava a capacidade dinâmica do inconsciente de criar conteúdos e o concebia como base natural de todos os conteúdos arcaicos da humanidade (sentimentos, instintos, imagens e mitos).

Para ele, “a natureza reflete tudo que existe em nosso inconsciente (JUNG, 2011, v.5, p.139)”, como se o funcionamento do sistema psíquico humano fosse diretamente equivalente ou idêntico ao funcionamento ecológico (dinâmico, potencial, sistêmico, homeostático, criador e destruidor).

Em uma de suas passagens mais significativas o autor chegou a afirmar que sua obra (a psicologia analítica) visa acima de tudo “romper com as muralhas que nos separam da natureza que há em nós” (JUNG, 2011, v.8/2, p.338). O autor afirma em toda sua pesquisa científica a necessidade do ser humano se realizar, assim como a semente se realiza tornando-se árvore. Ele chamou esse processo de individuação que consiste, em outras palavras, no ato de tornar-se a si mesmo.

Para Jung (2007), o psiquismo segue um curso natural e, se esse fluxo é inibido, o sistema psíquico entra em desequilíbrio como qualquer outro sistema natural. — “Se tivermos a natureza como guia, nunca trilharemos caminhos errados” (JUNG, 2011, v.10/3, p.31). — A esse respeito, o autor introduziu em sua teoria o conceito de persona o qual, entre outras coisas, definia como um sistema de adaptação que tem por objetivo ocultar a verdadeira natureza do indivíduo, uma espécie de máscara, fundamental para a adaptação social, bem como para a constituição do processo cultural:

Como é sabido o processo cultural consiste na repressão progressiva do que há de animal no homem: é um processo de domesticação que não pode ser levado a efeito sem que se insurja a natureza animal sedenta de liberdade (JUNG, 2011, v.7/1, p.30).

De acordo com Jung (2000), a neurose surge com o processo de domesticação social. Para ele, “o neurótico é apenas um caso específico de pessoa humana tentando conciliar dentro de si natureza e cultura” (JUNG, 2011, v.7/1, p.30). No entanto, o autor reconhece a necessidade do homem de viver em sociedade; não preza o isolamento social, nem a completa massificação, sugerindo que o processo de individuação ou de realização da totalidade do ser acontece como consequência do equilíbrio entre seus aspectos naturais e sociais. Ou seja, procura-se e, com certeza sempre se há de procurar, o caminho do meio, um ponto em que os opostos se unam:

É certo que a psicanálise pode tornar consciente os instintos animais do homem, mas não, como alguns interpretam, para deixá-los entregues a uma liberdade sem freio e sim para integrá-los num todo harmonioso (JUNG, 2011, v.7/1, p.37)

Em diversas passagens de sua obra, Jung ressalta que o mal é parte da natureza humana, não podendo anulá-lo, pois ele sempre irá ressurgir como parte integrante da personalidade. O autor adverte que a única saída para esse sentimento é a integração dele nos processos da personalidade através do autoconhecimento. Isso não significa identificação com essa tendência, o que seria catastrófico e tornaria o indivíduo envolvido de crueldade e de um comportamento antissocial.

A imagem do mal é figurada no psiquismo humano por meio do arquétipo que Jung chamou de sombra, sobre a qual, ela aponta a necessidade de integrar a personalidade como requisito fundamental no processo de individuação, isto é, de tornar a si mesmo:

As pessoas quando educadas para enxergar claramente o lado sombrio de sua própria natureza aprendem ao mesmo tempo a compreender e amar seus semelhantes. Pois somos facilmente levados a transferir para nossos semelhantes a falta de respeito e violência que praticamos contra nossa própria natureza (JUNG, 2011, v.7/1, p.37).

No livro “A prática da psicoterapia”, Jung (2001) ressalta que um bom psicoterapeuta deve desenvolver a habilidade de reconhecer as pistas da natureza interior de seus pacientes, como um guia no processo de realização da totalidade do ser. Ainda a esse respeito, fala do comportamento ético que deve ter o psicoterapeuta diante de seu cliente:

No desenvolvimento psicológico é importante que o psicoterapeuta deixe imperar a natureza e que evite na medida do possível influenciar o paciente com seus próprios pressupostos filosóficos (JUNG, 2011, v.16/1, p.37).

Embora Jung concebesse que o funcionamento e as bases arquetípicas do psiquismo fossem as mesmas para todos os indivíduos, considerava de fundamental importância que as pessoas fossem, durante a psicoterapia, reconhecidas dentro de sua singularidade potencial para a realização e diferenciação do ser. Nesse sentido, o comportamento de neutralidade do psicoterapeuta, prezado pelo autor, visava acima de tudo preservar ou não deturpar os germes da originalidade de seus pacientes.

Ao contrário de Sigmund Freud, Jung concebia as neuroses dentro de um fundo positivamente saudável. Para ele, as neuroses tinham um único propósito, levar o indivíduo àquilo que ele realmente é. O resultado de um tratamento psicoterapêutico não era concebido para Jung apenas como um processo de eliminação de sintomas. Devia levar o paciente a uma renovação de atitude frente à vida:

O paciente deve ser capaz, não só de reconhecer a causa e a origem de sua neurose, mas também de enxergar a meta a ser atingida. A parte doente não pode ser simplesmente eliminada, como se fosse um corpo estranho, sem risco de destruir ao mesmo tempo algo de especial que deveria continuar vivo. Nossa tarefa não é destruir, mas cercar de cuidados e alimentar o broto que quer crescer até tornar-se finalmente capaz de desenvolver o seu papel dentro da totalidade da alma (JUNG, 2011, v.16/2, p.21).

De acordo com o autor, o psicoterapeuta, durante os atendimentos a seu paciente, deve estar atento às imagens que surgem espontaneamente através da arte e, sobretudo através

dos sonhos, que para ele representava uma manifestação da mais pura e profunda natureza humana. Aliás, os sonhos são em sua concepção “uma tentativa de trazer de volta nossa mente original” (JUNG, 2011, v.18/1, p.277).

Ao longo da obra de Jung (2011) ainda é possível identificar inúmeras passagens alegóricas em que o autor compara os fenômenos naturais aos processos inconscientes e maturacionais dos seres humanos.

Mediante as inúmeras passagens que revelam o caráter ecológico da obra de Jung, bem como sua relevância para a constituição da psicologia moderna, consideramos importante uma releitura de sua teoria, tomando como ponto de partida o valor e a função da natureza para constituição de seu trabalho científico.

Afinal, somos parte da natureza e guardamos os traços arquetípicos de nossa ancestralidade. O abandono de nossas raízes, naturais e arquetípicas, significa uma cisão de nós mesmos e talvez essa dissociação, do homem com o meio e com sua própria natureza, esteja à frente dos principais problemas ecológicos da atualidade.

2. RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS

Antes de apresentar os resultados desta pesquisa, acerca da função da natureza na teoria analítica de C. G. Jung, é importante vislumbrar minimamente a história de vida desse autor e os fatos que influenciaram a formulação de sua teoria psicoecológica. De acordo com Von Franz (1992), fiel colaboradora do autor, o interesse de Jung pela natureza iniciou-se logo em sua primeira infância, influenciado pelas tendências pagãs de sua mãe:

A natureza foi sua maior paixão, e Jung, tal como sua mãe, sentiu-se, desde o começo da juventude, parcialmente enraizado num profundo e invisível solo, em alguma coisa vinculada aos animais, às árvores, às montanhas, às campinas e à água corrente. Esse amor opôs à tradição cristã do mundo do seu pai (VON FRANZ, 1992, p.29).

Jung, durante toda a sua vida, amou a natureza em suas mais diversas manifestações, formas e criaturas. Jamais se cansou da beleza dos lagos, dos animais, montanhas e florestas. A natureza foi de substancial importância no processo de constituição de sua personalidade, de suas concepções científicas e de sua maneira de ver a vida como um todo, havendo tocantes alusões acerca da natureza espalhadas em suas obras (VON FRANZ, 1992). Já ancião, falando das limitações da idade, declarou:

Mesmo assim há muita coisa que me preenche: plantas, animais, nuvens, o dia e a noite, e o eterno que há no homem. Quanto mais acentua a incerteza em relação a mim mesmo, mais aumenta meu sentimento de parentesco com todas as coisas (JUNG, 1987, p. 310).

Foi por meio desse sentimento de “parentesco com todas as coisas” que Jung identificou na natureza fundamentos lógicos para explicar os fenômenos da psique humana e conseqüentemente de sua própria natureza interior.

Com o propósito de analisar esses fundamentos ecológicos largamente utilizados por

Jung (2011) em sua obra científica, buscamos localizar nos Índices Gerais de sua Obra Completa, dividida e organizada em parágrafos rigorosamente enumerados, as principais passagens em que o autor revela o caráter ecológico de sua teoria. Lembramos, que devido às inúmeras citações, este trabalho oferecerá somente uma amostra limitada do conjunto de citações que evidenciam o teor ecosófico do pensamento junguiano.

Iniciaremos a apresentação e discussão dos dados apresentando os conceitos da teoria analítica, mais citados e fundamentados pelo autor, por meio de referências e alusões ecológicas:

CONCEITO	CITAÇÕES
Dinâmica Psíquica	<p>Nossa psique é uma parte da natureza e seu mistério é igualmente insondável. Não podemos definir “natureza” e “psique”, podemos apenas constatar o que atualmente entendemos por elas (JUNG, 2011, v.18/1, p.211).</p> <p>A psique não é um fenômeno da vontade, mas natureza que se deixa modificar com arte, ciência e paciência em alguns pontos, mas não se deixa transformar num artifício, sem profundo dano ao ser humano. O homem pode transformar-se num animal doente, mas não em um ser ideal imaginado (JUNG, 2011, v.10/3, p.188).</p> <p>A natureza é um contínuo, e muito provavelmente a nossa psique também o é (JUNG, 2011, v.18/1 p.103).</p>

O autor sugere que o funcionamento psíquico é instintivamente equivalente ao funcionamento dos sistemas naturais. E como qualquer outro sistema natural, o psiquismo humano é natureza que não se deixa deturpar sem que isso não resulte em um sistema adoecido.

Salienta com ênfase que sua psicologia concebe o homem tanto em seu estado natural como em seu estado modificado pelo processo cultural, advertindo que o homem deve ser interpretado e compreendido levando em consideração a sua totalidade.

CONCEITO	CITAÇÕES
Inconsciente Coletivo	<p>[...] o inconsciente coletivo impessoal, representa uma correspondência com nosso meio ambiente natural, e no qual se encontra projetado constantemente (JUNG, 2011, v. 10/4, p.59).</p> <p>O fundo da psique é natureza e natureza é vida criadora. É verdade que a própria natureza derruba o que construiu, mas vai reconstruir de novo (JUNG, 2011, v.10/3, p.101).</p> <p>Nosso real conhecimento do inconsciente mostra que ele é um fenômeno natural, e que, tanto quanto a própria natureza, é no mínimo neutro. Ele abrange todos os aspectos da natureza humana: luz e escuridão, beleza e feiura, bem e mal, o profundo e o superficial (JUNG, 2011, v.18/1, p.283).</p>

Diferente de Sigmund Freud, Jung concebia o inconsciente não apenas como um depósito de materiais reprimidos pela consciência. O inconsciente coletivo para ele é algo que já vem com a criança, repleto de conteúdos arcaicos da natureza humana. O inconsciente coletivo seria assim uma espécie de órgão natural sujeito às mesmas leis que regem o meio

ambiente, ao qual o inconsciente coletivo se encontra constantemente projetado.

Para o autor, o inconsciente, assim como a própria natureza, trata-se de um órgão neutro e destituído de valores morais. Carrega em si o potencial criador e destruidor, o bem e o mal, e sendo natureza pura, jamais mente ou fantasia seus conteúdos. Ele é o que é, ao contrário da concepção de Freud, que via no inconsciente uma tendência moralista para maquiagem seus conteúdos geradores de ansiedade.

CONCEITO	CITAÇÕES
Arquétipos	<p>O arquétipo é natureza pura, não deturpada e é a natureza que faz com que o homem pronuncie palavras e execute ações de cujo sentido ele não tem consciência, e tanto não tem, que ele já nem pensa mais nelas (JUNG, 2011, v.8/2, p.159).</p> <p>Que o homem compreenda ou não o mundo dos arquétipos, deverá permanecer consciente do mesmo, pois nele o homem ainda é natureza e está conectado com suas raízes (JUNG, 2011, v.9/1, p.99).</p> <p>Os arquétipos são de certa forma os fundamentos da psique consciente ocultos na profundidade ou, usando outra comparação com suas raízes afundadas não só na terra, em sentido estrito, mas no mundo em geral. [...] Propriamente falando, são a parte etônica da psique, se assim podemos falar, aquela parte através da qual a psique está vinculada à natureza (JUNG, 2011, v.10/3, p.40).</p>

Os arquétipos para Jung se tratam de conteúdos psíquicos arcaicos herdados filogeneticamente de nossos ancestrais, sendo eles reflexos das mesmas experiências, inúmeras vezes repetidas e vivenciadas por nossos antepassados desde as primeiras eras da evolução genética da espécie humana. Por essa razão, o arquétipo é equivalente ao instinto e reflete em todos os sentidos os padrões de comportamento da natureza humana.

O autor deixa claro que no mundo dos arquétipos o homem ainda se encontra conectado com sua natureza mais profunda. E assim como a natureza é arcaica e ao mesmo tempo criadora, Jung ressalta que os arquétipos não são apenas estruturas ultrapassadas, mas fonte de energia criadora na arte, na ciência e nas melhores ideias de nosso tempo. Seriam eles também responsáveis pelas bases da psique consciente.

CONCEITO	CITAÇÕES
Neurose	<p>O excesso de animalidade deforma o homem cultural; o excesso de cultura cria animais doentes (JUNG, 2011, v.7/1, p.39).</p> <p>Quando o homem perde algumas de suas funções naturais, isto é, quando esta se vê excluída de sua atividade consciente e intencional, ocorre um distúrbio geral, neurotização (JUNG, 2011, v.10/1, p.43).</p> <p>O significado de uma neurose é impulsionar o indivíduo para a personalidade total, o que inclui o reconhecimento e responsabilidade pela totalidade do ser, pelos bons e maus aspectos, pelas funções inferiores (JUNG, 2011, v.18/1, p.178).</p>

Para Jung, a neurose advém do conflito entre natureza e cultura. Para ele o sistema psíquico entra em um estado de adoecimento quando o sujeito nega, reprime ou desconhece aspectos de sua natureza mais profunda.

Descreve o indivíduo neurótico como unilateral, demonstrando que quando enfatizamos demasiadamente um lado de nossa personalidade em função do outro, instala-se o conflito. Assim, como todo sistema natural depende de sua totalidade para funcionar perfeitamente, o autor considera a neurose uma dissociação que impede a perfeita dinâmica psíquica.

Por outro lado, o autor concebe os processos neuróticos dentro de um fundo positivo. A neurose não seria apenas um sintoma que se deve eliminar, mas um mecanismo que visa acima de tudo levar o indivíduo ao seu processo de individuação e autoconhecimento. Aliás, a neurose é para ele uma tentativa de autocura da natureza.

CONCEITO	CITAÇÕES
Opostos	<p>A própria natureza procura o antagônico e dele tira a harmonia e não do idêntico (JUNG, 2011, v.6, p.443).</p> <p>O problema dos opostos como princípio inerente à natureza humana constitui uma etapa a mais no desenvolvimento do nosso processo de autoconhecimento (JUNG, 2011, v.7/1, p.71).</p> <p>A ciência termina nas fronteiras da lógica, o que não ocorre com a natureza, que floresce onde a teoria jamais penetrou. A <i>venerabilis natura</i> (venerável natureza) não para no antagonismo, mas serve-se do mesmo para formar um novo nascimento (JUNG, 2011, v.16/2, p.193).</p>

Para o autor, a resolução do conflito entre opostos (forças, valores e sentimentos antagônicos na psique) é requisito fundamental no processo de individuação ou da realização da totalidade do ser. O autor observou esse conflito, que ele também chamou de enantiodromia, nos processos naturais. Salienta, que assim como ocorre na natureza, a psique humana tende naturalmente a buscar uma terceira saída aceitável, quando duas forças opostas chocam entre si.

CONCEITO	CITAÇÕES
Instinto	<p>Quanto mais civilizado, mais consciente e complicado for o homem, tanto menos ele será capaz de obedecer aos instintos. As complicadas situações de sua vida e as influências do meio ambiente se fazem sentir de maneira tão forte, que abafam a débil voz da natureza (JUNG, 2011, v.9/2, p.33).</p> <p>A separação da sua natureza instintiva leva o homem civilizado ao conflito inevitável entre consciência e inconsciente, entre espírito e natureza, fé e saber, ou seja, a cisão de sua própria natureza que, num dado momento, torna-se patológica, uma vez que a consciência não é mais capaz de negligenciar ou reprimir a natureza instintiva (JUNG, 2011, v.10/1, p.51).</p> <p>[...] quando o instinto animal é varrido do consciente por meio da repressão, pode acontecer que irrompa espontaneamente com toda força, de forma desordenada e incontrolável (JUNG, 2011, v.10/3, p.30).</p>

Jung declarou diversas vezes em sua obra o quanto os instintos humanos vêm sendo afetados pelo processo cultural das sociedades. No entanto, convém lembrar que o autor não é contrário à formação das sociedades, reconhece a inegável importância dela para a vida coletiva, somente destaca os prejuízos trazidos pelo processo cultural quando esse pretende reprimir completamente a base instintiva da humanidade.

Para ele não há repressão dos instintos sem graves consequências tanto para o indivíduo (que se torna infeliz e neurótico), como para própria sociedade (que pode sofrer nos momentos mais inesperados a ação desordenada e violenta de indivíduos ou massas acometidas de um profundo descontrole emocional).

Jung acredita que para o bem do homem moderno, esse deve manter-se conectado à sua base instintiva e às suas raízes mais profundas, a fim de integrá-las em um todo harmonioso. Essa seria uma atitude de autoconhecimento e de respeito perante a totalidade do ser que não é somente cultural, mas também natural.

CONCEITO	CITAÇÕES
Persona	A persona é um complicado sistema de relação entre a consciência individual e a sociedade; é uma espécie de máscara destinada, por um lado, a produzir um determinado efeito sobre os outros e por outro lado a ocultar a verdadeira natureza do indivíduo (JUNG, 2011, v.7/2, p.82).

Jung concebe a persona como uma função natural, destinada à adaptação social do indivíduo. É responsável pelo processo de alienação social. Seu símbolo é a máscara e etimologicamente está ligado ao termo “personagem”. Através da persona os seres humanos desempenham nos grupos uma identidade e um ou mais papéis sociais. Mas de acordo com o autor, ao mesmo tempo em que a persona oferece o suporte fundamental para o homem viver em sociedade, igualmente representa um obstáculo em seu processo de totalização do ser. Afinal, a persona tende a ocultar a verdadeira natureza do indivíduo para que esse seja aceito no meio em que vive.

CONCEITO	CITAÇÕES
Individuação	<p>O sentido e a meta do processo de individuação são a realização da personalidade originária, presente no germe embrionário, em todos os seus aspectos. É o estabelecimento e o desabrochar da totalidade originária potencial (JUNG, 2011, v.7/1, p.123).</p> <p>O processo da individuação natural produz uma consciência do que seja a comunidade humana, porque traz justamente à consciência o inconsciente, que é o que une todos os homens e é comum a todos os homens. A individuação é o “tornar-se um” consigo mesmo, e ao mesmo tempo com humanidade toda (JUNG, 2011, v.16/1, p.124).</p> <p>Devo lembrar o fato psicológico de que, enquanto podemos constatar, a individuação é um fenômeno natural [...]. Ela não é uma invenção do homem, mas é a própria natureza que produz sua imagem arquetípica (JUNG, 2011, v.18/2, p.331-332).</p>

O autor concebe que todos os seres da natureza, independente de espécie, buscam a realização de seu potencial no meio em que vivem. Assim como a semente almeja tornar-se árvore, assim como o dia se totaliza com a noite, assim como os rios buscam os oceanos e assim como a vida se totaliza com a morte.

Em outros termos, o processo de individuação visa acima de tudo à realização da totalidade do ser. Para alcançar essa meta, o indivíduo deve conseguir conciliar natureza e cultura,

integrar a sombra junto à personalidade consciente do EU e desfazer todos os pares de opostos que possam servir-lhe de conflito.

Tornar-se a si mesmo, tornar-se um ser único é a meta, sem, no entanto, tornar-se individualista. O individualista nega suas origens, suas raízes e vive em um mundo ilusório em que se acredita independente de seu próximo. Fato patológico, que ignora o verdadeiro sentido do processo de individuação.

CONCEITO	CITAÇÕES
Sombra	<p>A moral ascética do cristianismo quer livrar-nos disso [da sombra] e assim nos expõe ao risco de perturbar o mais profundo de nossa natureza animal (JUNG, 2011, v.7/1, p.42).</p> <p>Se entendermos, então, que o mal habita a natureza humana independente da nossa vontade e que ele não pode ser evitado, o mal entra na cena psicológica como o lado oposto e inevitável do bem (JUNG, 2011, v.10/1, p.60).</p> <p>De qualquer forma não faremos justiça nem à nossa natureza em geral, nem à nossa natureza humana se negarmos a imensidade do mal e do sofrimento, desviando nossos olhares do aspecto cruel da criação. O mal deveria ser reconhecido como tal e não ser atribuído à pecabilidade do homem (JUNG, 2011, v.18/2, p.338).</p>

Jung aponta a sombra e o sentimento do mal como uma função natural da psique humana. E como toda função natural, Jung considera salutar que a sombra fosse integrada à consciência e não eliminada ou reprimida pela força da moralidade social.

Negar a sombra é como negar uma parte vital da personalidade. Essa atitude seria, ao ver de Jung, um desrespeito diante da totalidade do ser. A natureza só pode ser entendida em sua complexidade a partir do que realmente é, sem negação de uma ou de outra parte.

Jung destaca que a conscientização da sombra é fundamental para que o indivíduo deixe de projetar em seus semelhantes a antipatia e a falta de respeito que tem para consigo mesmo.

No processo de individuação, a integração da sombra aos processos da consciência é, de acordo com o autor, uma necessidade primordial. Em outros termos, a aceitação da sombra consiste na aceitação incondicional da própria natureza, independente de suas flores ou de seus espinhos.

CONCEITO	CITAÇÕES
Sonhos	<p>Muitas vezes, a natureza é obscura, sem transparência, mas ela não usa de artimanhas, como o homem. Por isso devemos acreditar que o sonho é exatamente o que deve ser, nem mais, nem menos (JUNG, 2011, v.7/1, p.113).</p> <p>Os sonhos são imparciais, não sujeitos ao arbítrio da consciência, produtos espontâneos da psique inconsciente. São pura natureza e, portanto, de uma verdade genuína e natural; são mais próprios do qualquer outra coisa (JUNG, 2011, v.10/3, p.160).</p> <p>O sonho é, portanto, um produto natural e altamente objetivo da psique, do qual podemos esperar indicações ou pelo menos pistas de certas tendências básicas do processo psíquico (JUNG, 2011, v.7/2, p.19).</p>

Jung era imperativo ao se referir aos sonhos como uma função natural da psique humana. De acordo com ele, a razão dos sonhos seria uma tentativa de trazer de volta à consciência nossa mente original.

Diferente de Freud, Jung concebia os sonhos dentro de um fundo espontaneamente selvagem e natural, enquanto Freud o concebia cheio de nuances, máscaras e mecanismos de defesa.

Jung chegou afirmar que os sonhos são o hálito da natureza e que sua linguagem rica em símbolos arquetípicos carregam a verdade sobre a natureza do indivíduo.

CONCEITO	CITAÇÕES
Religião	O homem não consegue extirpar de todo suas convicções religiosas, porque a atividade religiosa repousa numa tendência instintiva e pertence às funções específicas do homem. É possível retirar-lhe os deuses, mas somente para lhe oferecer outros (JUNG, 2011, v.10/1, p.43).

Jung concebia a espiritualidade/religiosidade como uma tendência natural e instintiva do homem, não sendo possível anulá-la como, por exemplo, pelo ateísmo, por se tratar de uma função psicológica filogeneticamente herdada da humanidade. Para ele não é possível tirar os deuses dos homens, mas apenas substituí-los por meio de outros em que o indivíduo possa transferir a mesma quantidade de fé, por exemplo, na ciência.

CONCEITO	CITAÇÕES
A prática da psicoterapia	<p>A tarefa mais nobre da psicoterapia no presente momento é continuar firmemente a serviço do desenvolvimento do indivíduo. Procedendo desta forma, o nosso esforço estará acompanhando a tendência da natureza, isto é, estaremos fazendo com que desabroche em cada indivíduo a vida na maior plenitude possível, pois o sentido da vida só se cumpre no indivíduo, não no pássaro empoleirado dentro de uma gaiola dourada (JUNG, 2011, v.16/1, p.126).</p> <p>Em psicoterapia, considero até aconselhável que o médico não tenha objetivos demasiado precisos, pois dificilmente ele vai saber mais do que a própria natureza ou a vontade de viver do paciente. As grandes decisões da vida humana estão, em regra, muito mais sujeitas aos instintos e a outros misteriosos fatores inconscientes do que à vontade consciente, ao bom-senso, por mais bem-intencionados que sejam (JUNG, 2011, v.16/1, p.53).</p> <p>Com um resultado terapêutico satisfatório, provavelmente pode dar-se o caso por encerrado. Se assim não for, a terapia não terá outro recurso a não ser orientar-se pelos dados irracionais do doente. Neste caso, a natureza nos servirá de guia e a função do médico será muito mais desenvolver os germes criativos existentes dentro do paciente do que propriamente tratá-lo (JUNG, 2011, v.16/1, p.53-54).</p>

Jung concebe a psicoterapia como um espaço em que o terapeuta deve utilizar-se da expressão espontânea da natureza de seu paciente como guia do processo terapêutico. Para ele, cada indivíduo cresce e se desenvolve ao seu tempo e à sua maneira. Em se tratando de prática psicoterapêutica, prezava o comportamento ético e a postura de neutralidade como um meio de garantir que a originalidade do paciente não fosse afetada ou deturpada pela natureza do psicólogo. Caso contrário, a meta da individuação perderia

o seu sentido e, alegoricamente, o psicoterapeuta ocasionaria uma espécie de agressão à natureza de seu paciente.

	CITAÇÕES
Alusões diversas	A alma do mundo é uma força natural, responsável por todos os fenômenos da vida e da psique (JUNG, 2011, v.8/2, p.144).
	Há alguma coisa semelhante ao sol dentro de nós, e falar em manhã de primavera, tarde de outono da vida não é mero palavreiro sentimental, mas expressão de verdades psicológicas (JUNG, 2011, v.8/2, p.354).
	Árvore nenhuma cresce em direção ao céu, se suas raízes também não se estenderem até o inferno (JUNG, 2011, p.59).
	Por mais que joguemos fora a natureza por meio da força, ela sempre retorna (JUNG, 2011, v.10/1, p.24).
	Falta contato com natureza que cresce, vive e respira. A pessoa sabe o que é um coelho ou uma vaca através de livros ilustrados, enciclopédias ou televisão. E pensa que conhece realmente, mas fica admirada quando mais tarde descobre que o estábulo fede, pois isso não estava na enciclopédia (JUNG, 2011, v.10/3, p.214).

A obra de Jung (2011) está repleta de alusões e alegorias acerca da natureza. O autor conseguia com muita sensibilidade poética traçar paralelos entre a natureza e os processos psicológicos dos seres humanos. Para ele, assim como existe uma ecologia exterior, havia também uma ecologia interior. Entendia a natureza como a única fonte de manifestação da verdade, ou a mais próxima da realidade. Sua concepção é de que nada no mundo está separado da natureza e tudo se espelha e reflete o seu perfeito funcionamento.

Os ciclos naturais não correspondiam apenas aos ciclos que vigoram no meio ecológico, mas também no meio psíquico. Assim como observava a primavera, observava a infância no homem, assim como admirava o outono, admirava os processos psicológicos da meia idade.

Essas alusões ele não considerava apenas um ato romântico, mas alusões de profunda verdade empírica. Muito antes dos atuais enfrentamentos ecológicos, Jung já falava da necessidade do homem se reconectar com a natureza, criticando insistentemente a atitude de desconexão do homem e seu meio.

De modo geral, ao longo dos 34 volumes que compõem a obra completa de C.G. Jung, é possível encontrar centenas de citações da palavra “natureza”, entre as quais se destacam 136 parágrafos em que o autor utiliza o termo “natureza” e suas variações para ilustrar, justificar e fundamentar diversos conceitos de sua teoria, assim como pudemos constatar no quadro a seguir:

OBRAS ANALISADAS	PARÁGRAFO(S)	CITAÇÕES POR OBRA
I - Estudos Psiquiátricos		
II - Estudos Experimentais		

III - Psicogênese das doenças mentais	584	1
IV - Freud e a psicanálise		
V - Símbolos da transformação	107-114; 170 (no rodapé 84)	2
VI - Tipos Psicológicos	132; 790	2
VII/1 - Psicologia do inconsciente	16; 17; 28; 29-30; 32; 35; 34; 41; 50; 88; 93; 96; 114; 146-149; 162; 186	16
VII/2 - O Eu e o Inconsciente	305; página 10	2
VIII/2 - A natureza da Psique	339; 392-393; 412; 702; 739; 750-751; 780; 787; 795; 800	10
VIII/3 - Sincronicidade		
IX/1 - Os arquétipos e o inconsciente coletivo	172; 174; 195; 234; 289; 714	6
IX/2 - Aion - Estudo sobre o simbolismo do si-mesmo	40; 78; 220; 244	4
X/1 - Presente e Futuro	514; 544; 547-548; 560; 562; 572-573	6
X/2 - Aspectos do drama contemporâneo	431	1
X/3 - Civilização em transição	24; 31; 32; 34; 44; 53; 134; 187; 210; 317; 361; 831; 882	13
X/4 - Um mito moderno sobre coisas vistas no céu	616; 667; 673	3
XI/1 - Psicologia e Religião	130; 105	2
XI/2 - Interpretação do dogma da trindade	261	1
XI/3 - O símbolo da transformação na missa		
XI/4 - Resposta a Jó		
XI/5 - Psicologia e religião oriental	867-868; 941; 895	3
XI/6 - Estudos Diversos		
XII - Psicologia e Alquimia	40; 214; 331	3
XIII - Estudos Alquímicos	119; 130-131; 148; 184; 196; 198; 229; 267	8
XIV/1 - Mysterium coniunctionis	83; 101; 127	3
XIV/2 - Mysterium coniunctionis	6 (no rodapé 21); 58; 65; 358; 365; 402; 158	7
XIV/2 - Mysterium coniunctionis		
XV - O espírito na arte e na ciência	41; 120	2
XVI/1 - A prática da psicoterapia	42; 81-82; 130; 227	4
XVI/2 - Ab-reação, análise dos sonhos e transferência	293; 344-345; 412; 469; 508; 524	6
XVII - O desenvolvimento da personalidade	160; 289; 290; 292-293; 320; 335; 338	7
XVIII/1 - A vida Simbólica	38; 178; 181; 439; 585-586; 591; 598; 602-603; 607; 742; 367; 368; 375; 473; 474	15
XVIII/2 - A vida Simbólica	1198; 1360; 1365; 1368; 1366-1367; 1488; 1586; 1641; 1654	9

*Fonte: o autor (2017)

Os achados evidenciam o caráter ecológico da obra de C.G. Jung que, na atualidade, pode ser de grande utilidade, não somente para o avanço da ciência psicológica, mas também com os atuais enfrentamentos ecológicos. Afinal, percebe-se por meio da psicologia profunda de Jung que a realidade interna dos seres humanos está estreitamente ligada e fundamentada sobre as bases e leis que regem a realidade cíclica da natureza.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Jung falou intensamente em sua obra da desconexão do homem com a natureza e conseqüentemente consigo mesmo. Já no século passado tratou profundamente o homem como um sistema em profunda interação com seu meio e que busca realizar sua totalidade, como todo sistema natural.

Sua obra reflete o pensamento de um homem que esteve intensamente ligado aos mistérios da vida, da natureza e da psique como um todo. Muitas vezes incompreendido e tachado de místico e romântico, seu trabalho científico revela, pelo contrário, grande sensibilidade para captar, muito antes dos atuais enfrentamentos ecológicos, um pensamento de integração entre o homem e a natureza. A essência desse pensamento é o que atualmente se preza nos modernos movimentos ecológicos, ou seja, seres humanos que conseguem respeitar o meio natural na medida em que conseguem reconhecer a profundidade de sua própria natureza.

A natureza é como um espelho no qual nos vemos: somos um pouco da abelha, do cão, do macaco, da árvore, da víbora e da ameba; somos um pouco de todos os seres e todos os seres são um pouco de nós. Conectar-se a ela e à essência de todos os seres é também uma forma de nos integrar com nossa própria totalidade. Cuidar da natureza, contemplar a natureza não é somente um ato romântico, mas uma forma de nos cuidar, de nos contemplar e de reconhecer os nossos próprios mistérios. A crítica de Jung era exatamente em torno da atitude de desconexão do homem, iniciada desde os primórdios do cristianismo. Já em seu tempo, percebia que faltava contato direto das pessoas com a natureza.

A profunda conexão de Jung com a natureza e o modo com que tratava a psicologia nos leva à reflexão de seu objetivo maior, que não era apenas formar psicoterapeutas ou conhecedores técnicos da mente humana, mas ecologistas da alma.

Ele mesmo, sem qualquer dúvida, foi um exímio ecologista da interioridade humana, buscando desvelar as obscuridades da psique e defendendo, do início ao fim de sua vida, o livre desabrochar das potencialidades do homem, motivando-o a trilhar os caminhos do processo de individuação e da totalidade do ser, sem, no entanto, distanciar-se de suas origens coletivas.

A obra científica de Jung configura pelo que pudemos ver ao longo desse trabalho uma

espécie de ecologia humana, em que o autor coloca os seres humanos como parte integrante de seu meio natural, não como o animal-humano dominante da natureza, mas apenas mais um ser reinado por forças inconscientes mais fortes do que ele mesmo.

Por motivos razoáveis, sugerimos que o autor seja reconhecido como o pioneiro da ecopsicologia, ecologia humana e, até mesmo, como um dos primeiros pensadores ecosófico da modernidade.

4. REFERÊNCIAS

JUNG, C.G. **Obras Completas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

_____. **Memórias, sonhos e reflexões**. 1.ed. RJ: Nova Fronteira, 1987.

MCGUIRE, William; HULL, R.F.C. C.G. Jung: **Entrevistas e Encontros**. 1.ed. SP: Cultrix, 1997.

PINHEIRO, J.Q. Psicologia Ambiental: A busca de um ambiente melhor. **Estudos de Psicologia**, Natal, v.2, n.2, p. 377-398, 1997.

TORNAS, Richard. **A Epopeia do Pensamento Ocidental**. 3.ed. RJ: Bertrand Brasil, 2000.

VON FRANZ, Marie-Louise. **C. G. Jung: seu mito em nossa época**. 2.ed. SP: Cultrix, 1992.